

Utilitas Interrupta, EXD'11

«O fracasso é estruturalmente necessário para sonhar»

LUÍS SANTIAGO BAPTISTA
PAULA MELÂNEO



Foto: Luís Rocha

Visita a *Utilitas Interrupta* por Joseph Grima

Inaugurou no final de Setembro passado a exposição *Utilitas Interrupta*, comissariada por Joseph Grima, para a *experimentadesign 2011*. Em resposta ao tema “*useless*” lançado pela bienal, o curador italiano apresenta-nos uma exposição intencional e afirmativa em volta do dispositivo da infra-estrutura. Na sua introdução, intitulada “índice infraestrutural de ambições por cumprir”, Grima refere que materializando “os maiores sonhos, desafios e realizações do ser humano (...) a infraestrutura acaba inevitavelmente por imortalizar os mais catastróficos falhanços de uma sociedade”. No entanto, *Utilitas Interrupta* não parece centrar-se numa mera exaltação negativa do fracasso, aparentemente tão reconfortante em tempos de crise. Inversamente, propõe-nos acima de tudo um deslocar da visão, um re-calibrar do olhar através do espanto. Como afirma, “o fracasso pode ser tão revelador quanto o sucesso”. Aproveitando a sua presença para a inauguração, a arqa falou com Joseph Grima para perceber melhor os objectivos programáticos e o contexto ideológico de *Utilitas Interrupta*.

arqa: No âmbito do tema “*useless*” lançado pela EXD'11, qual é a tese crítica e curatorial de *Utilitas Interrupta*?

Joseph Grima: A estratégia curatorial assenta essencialmente em dois pontos. O primeiro será um ataque directo ao que é entendido como *tabu*, como algo que é muito simplificado mas ao mesmo tempo muito estruturado. Nos termos em que a sociedade é hoje estruturada não se pode verdadeiramente falar do fracasso. O segundo ponto foi explorar a ideia de existência de muitas teorias do mundo – como da filosofia, da física ou física quântica, etc – em que tudo o que é possível acontece e pressupondo a existência de universos paralelos. De certa maneira, muitos dos projectos presentes na exposição são repositórios de universos paralelos. E esta pode ser uma estratégia contra a amnésia, que é um aspecto crucial da forma como vivemos hoje – e penso que não será coincidência – que sejamos capazes de apagar tudo aquilo que não é compatível com esse modo de vida. Esta é uma tentativa de poeticamente trazer de volta esses projectos,

lembrando realidades que nos são tão próximas e ao mesmo tempo nos parecem tão incrivelmente remotas nas nossas consciências, como é o caso dos projectos soviéticos apresentados. Isto torna-se verdadeiramente fascinante.

arqa: Existe aqui uma crítica à modernidade ou é algo mais específico?

JG: Existe aqui uma tentativa de alcançar uma condição paradoxal. Uma condição de simultaneamente celebrar e criticar a modernidade, através de uma aproximação aos extremos. Se, por um lado, a modernidade tem uma espécie de necessidade implícita de amnésia, por outro lado, a modernidade é também ela própria um sonho falhado ou nunca alcançado. A modernidade é um sonho em si e de muitas formas uma utopia. Embora não queira usar o termo utopia, a verdade é que muitos dos projectos têm início em utopias.

arqa: O tema do paradoxo da ruína moderna tem estado em debate nos últimos anos. Lembramo-nos da exposição *Utopia*, comissariada por Paul Wombell (PhotoEspaña2008) e a exposição muito recente *Concret Islands*, comissariada por Elias Redstone. Também os livros sobre estruturas modernas devolutas como o pioneiro *Bunker Archaeology* de Paul Virilio ou o mais recente *Forbidden Places: Exploring our Abandoned Heritage* de Silvain Margaine. Neste caso ainda, são muito reveladoras as publicações sobre as ruínas da arquitectura moderna soviética, como nos casos de *CCCP: Cosmic Communist Constructions Photographed* de Frederic Chaubin, *Architecture of Oblivion: Ruins and Historical Consciousness in Modern Russia* de Andreas Schonle ou *Building the Revolution: Soviet Art and Architecture 1915-1935* de Jean-Louis Cohen e Christina Lodder, etc. Como se pode interpretar este interesse exponencial pela ruína moderna?

JG: Essa é uma questão muito interessante e não tinha pensado nesses termos. Na verdade, dois dos meus realizadores e escritores britânicos preferidos fizeram livros sobre o tema. Estou a pensar no *A Guide to the New Ruins of Great Britain* de Owen Hatherley. Existe algo relacionado com a ruína, esta atracção paladiana pela ruína, que é como se fosse um repositório de sonhos falhados e muitas dessas propostas são hoje inspiradas por isso. Por outro lado, neste momento em particular e num contexto de crise mundial, a ruína pode tornar-se reconfortante porque, paradoxalmente, ao olharmos para o fracasso nos faz ver que afinal podemos ser bem sucedidos. Podemos perguntar como pode isto trazer esperança? É uma pergunta muito interessante e não tenho a certeza de ter uma resposta. Os projectos apresentados não pretendem ser celebrações, na verdade, muitos destes casos são verdadeiramente trágicos e envolvem uma certa crueldade. Mas, ao mesmo tempo, de certa maneira, o fracasso é estruturalmente necessário para sonhar e sonhar é estruturalmente necessário para a ambição de tornar esses sonhos realizáveis. É uma espécie de interiorização do fracasso. Mas o ponto fundamental talvez seja o de hoje termos uma espécie de aversão ao fracasso. De tal maneira que o fracasso nunca é previamente contemplado, tudo é planeado e esquematizado ao ponto de até os nossos sonhos ficarem prisioneiros nesta busca da certeza. Por isso, talvez a ruína seja uma forma de reactivar a incerteza e de aliviar do controle.

arqa: A exposição afasta-se deliberadamente de uma perspectiva de

reabilitação da infra-estrutura, algo de certa forma implícito no tema “*useless*”. Não receia que a exposição seja entendida de uma perspectiva meramente nostálgica ou negativa?

JG: Esta é efectivamente uma questão difícil. Muitas vezes penso que se trata de intuição. Não tenho verdadeiramente uma teoria sobre isso. Se existem algumas exposições sobre ruínas, existem muito mais sobre a sua reutilização. Existe uma certa banalidade na forma como se investiga essa reutilização. Não vi ainda nenhuma exposição em que se aprofunde consistentemente essa ideia da reutilização. São normalmente centradas na bondade da intervenção e são acima de tudo reconfortantes. Estão relacionadas com a temática da sustentabilidade em que está tudo bem definido e é tudo muito positivo. E eu não quero seguir esse caminho. Leccionei no Strelka Institute, em Moscovo, em conjunto com Jiang Jun, fundador da *Urban China Magazine*. Ele tem uma teoria a que chama “U idea”: “Use”, “disUse”, “abUse” e “reUse”. Estas serão as 4 categorias de

compromisso nas infra-estruturas. Neste sentido, esta exposição pode ser a primeira parte de um ciclo de 4 exposições, em que o tema do “reUse” será o último. Neste sentido, a reutilização é apenas uma parte de uma longa história, ou seja, um momento de uma investigação maior. Esta exposição não é um compromisso, não pretende ter um final feliz.

arqa: Uma pequena provocação: podemos estabelecer um paralelo entre as suas infra-estruturas devolutas e abandonadas e as fotografias estéticas e glamorosas dos espaços vazios da arquitectura contemporânea?

JG: Penso que já passámos a fase das imagens dos edifícios vazios. Um exemplo disso é o Iwan Baan, que é o protótipo do fotógrafo de arquitectura que trabalha para as revistas, etc. Num certo sentido ele é o Julius Shulman da actualidade. E não por caso que ganhou o *Julius Shulman Institute Photography Award* em 2010. Ele incorpora os ideais arquitectónicos contemporâneos, porque tem como princípio incluir sempre pessoas,

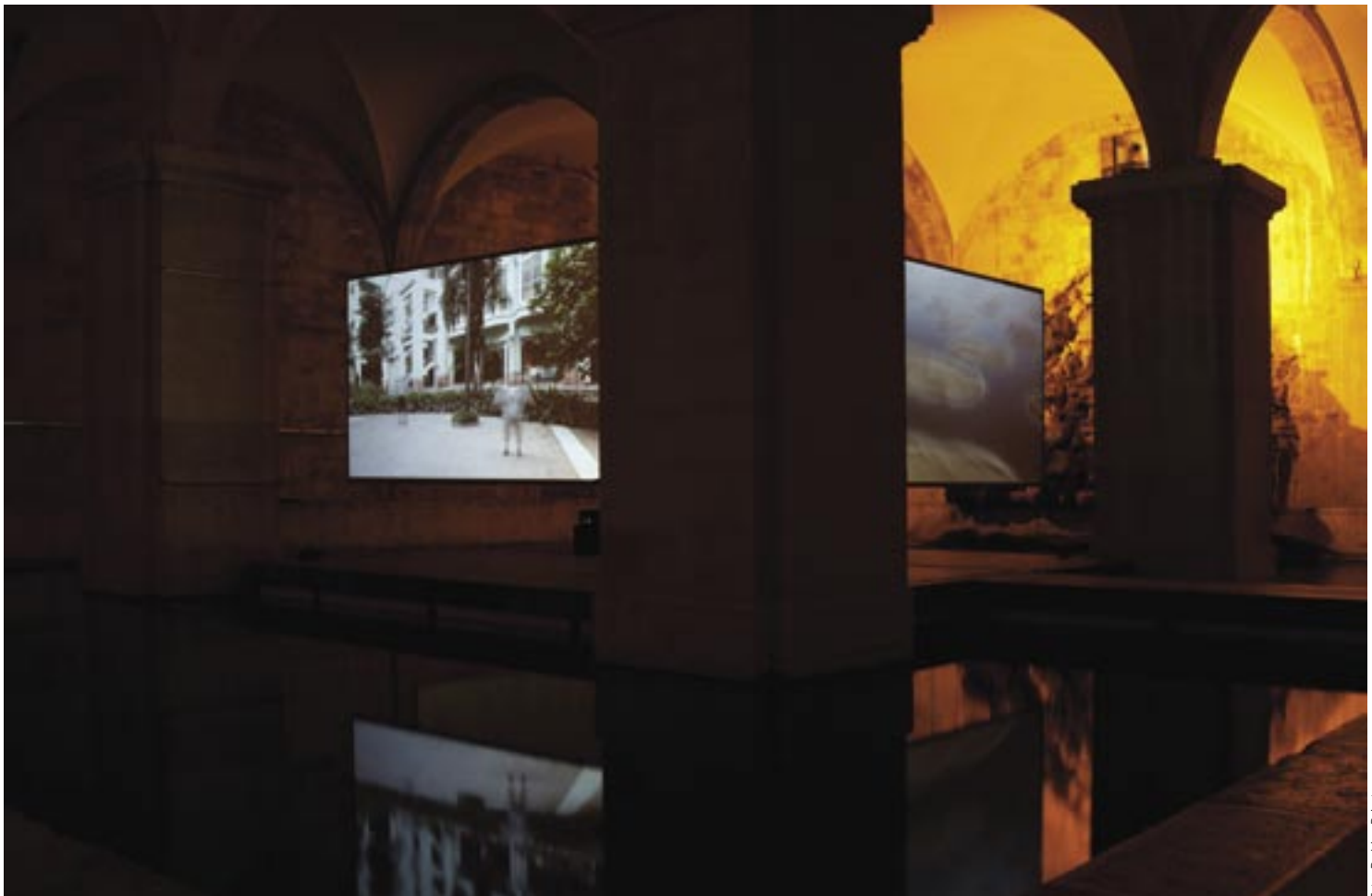


Foto: Rodrigo Peixoto

Projecções vídeo, em *Utilitas Interrupta*, EXD'11 no Museu da Mãe d'Água



Foto: Rodrigo Peixoto

Sinai Hotels, projecto fotográfico de Sabine Haubitz e Stefanie Zoche em *Utilitas Interrupta*, EXD'11 na Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva

ao ponto de quase se tornar “artificial”, mesmo que a sua fotografia seja muito espontânea, requerendo passar tempo nos locais e descobrir o que se passa nesses sítios. Em relação à exposição, a questão interessante da vossa provocação é que quando estes edifícios foram fotografados, provavelmente estando vazios de pessoas, é a altura em que os edifícios estão verdadeiramente abertos a elas. É sobre o corpo humano e a relação. Hoje, pelo contrário, o facto de haver tantas pessoas nas fotografias de arquitectura é uma consequência ou é sintomático da não importância das pessoas no edifício. A fotografia é sobre imagens e não sobre as pessoas ou sobre a relação do corpo humano com o edifício. Isto pode ser uma grande generalização, mas é o grande problema da arquitectura contemporânea, uma vez que está estruturada na produção de imagens. Esta é uma realidade em relação à qual podemos ser à partida excessivamente críticos, em vez de tentar perceber o porquê dessa situação. Em muitos dos projectos presentes na exposição existe uma nostalgia, porque foram projectos colectivos muito ambiciosos e caros. Cada vez há menos projectos deste tipo, hoje a grande maioria de projectos são de iniciativa individual e privada, corporativos ou de grupos de interesses, etc.

arqa: Por outro lado, tem emergido nos últimos anos uma perspectiva mais focalizada na questão da infra-estrutura, com uma atitude mais optimista e utópica, agregando à escala territorial as questões da ecologia, paisagem, sustentabilidade, etc. Isto tem acontecido principalmente nos Estados Unidos e nas universidades americanas, com nomes como Keller Easterling, Mason White, Neyran Turan, etc. Está *Utilitas Interrupta* nos antípodas desta tendência?

JG: Pelo contrário, creio que estamos a tentar relacionarmo-nos com ela. Nesta exposição tentamos mostrar que já temos esses sonhos e que os podemos realizar e muitos realizámos. Por exemplo, o *Aérotrain* é um produto cultural que resume um certo requisito cultural e técnico, que reflecte as ambições de uma sociedade em que a viagem em alta-velocidade se tornou emblemática. É também importante lembrar que os projectos desta escala têm um significativo valor simbólico. Temos que os ler como símbolos e desenhá-los como símbolos e não só como meras estruturas

técnicas feitas de tubagens, pilares de betão, etc. Na infra-estrutura também tratamos de símbolos e valores. A infra-estrutura é um índice dos valores da sociedade. Temos de ter em conta que a integração europeia começou, em primeiro lugar, pela implantação de linhas e redes de alta-velocidade ferroviária. E, na Grã-Bretanha, houve uma resistência às linhas de alta-velocidade, o que não deixa de ser um sintoma de resistência e medo a esta nova conexão. Recentemente dei uma entrevista para a *Pin'Up Magazine* para um número dedicado à crítica de arquitectura. Questionava-se qual a sua importância na actualidade, para quem deveria ser feita, quem a deveria ler, se para quem tem poder e dinheiro ou para pessoas comuns, etc. Muitas revistas já discutiram esse assunto da crítica, o que é sintomático que o debate do tema se tornou completamente inútil (*useless*) e profundamente nostálgico. Uma crítica muito mais interessante está a acontecer dentro desses grupos que referiram e nos trabalhos e pesquisas de Keller Easterling, Kazys Varnelis, Mason White, ou mesmo Geoff Manaugh. De certa maneira, muitas dessas propostas têm uma ligação ou são uma citação directa dos projectos desta exposição e não será coincidência que muitos trabalharam de certa forma sobre a ideia do fracasso. Por exemplo, a Keller escreveu sobre as *World Islands*, no Dubai, e o Geoff escreveu sobre a *California City*. Estas investigações apresentam pontos de vista válidos, mas não apresentam um desenho perfeitamente estruturado. Neste sentido, creio que é importante interpretar esta mostra como parte de uma trajectória de exposições, que proporão olhares de diferentes perspectivas. O tema do “reUse” será extremamente interessante, visto de uma maneira mais precisa, aprofundada e problematizada, olhando para as diversas dimensões heróicas dos projectos infra-estruturais contemporâneos, como por exemplo, a questão das cheias e inundações, etc.

arqa: Numa entrevista, definiu “a arquitectura como metáfora da sociedade”, defendendo a abertura e conexão do campo disciplinar a outros contextos e conhecimentos. Como editor e curador internacional, como definiria o estado actual da arquitectura? Parafraçando a sua própria questão fundamental levantada nessa entrevista: “que papel devem os arquitectos ter na sociedade?”

Os projectos apresentados não pretendem ser celebrações, na verdade, muitos destes casos são verdadeiramente trágicos e envolvem uma certa crueldade. Mas, ao mesmo tempo, de certa maneira, o fracasso é estruturalmente necessário para sonhar e sonhar é estruturalmente necessário para a ambição de tornar esses sonhos realizáveis. É uma espécie de interiorização do fracasso.

JG: Hoje, o que me parece interessante na arquitectura é o facto de haver uma enorme frustração dentro da profissão, devido aos arquitectos serem marginalizados da sociedade e afastados da realidade. Se pensarmos nos movimentos da primeira metade do século XX como os CIAM ou do pós-guerra como o Team 10 ou os Metabolistas, são grupos de arquitectos que estão convencidos de que o papel da arquitectura não é importante e central na sociedade. Apresenta-se antes como uma base a partir da qual tudo nasce, visto o projecto pretender moldar a sociedade. Muitas das suas ideias eram excessivas e radicais, provavelmente demonstrando que o modelo moderno no qual o arquitecto dita o modo como os indivíduos devem viver em sociedade falhou. Mas, por outro lado, neste período histórico excessivo, a arquitectura tornou-se muito introvertida, em parte devido a uma espécie de obsessão pela crítica e autonomia, mas também a uma obsessão pela leitura e contextualismo. Isto levou a uma marginalização da arquitectura, que se acabou por fechar na criação de objectos. E aqui podemos falar do “efeito Guggenheim”, que passa à regeneração da cidade através de um

único edifício. Mas a real definição deste efeito refere-se à arquitectura e não ao urbanismo. O arquitecto torna-se o autor de símbolos e não o autor do tecido urbano e da cidade. É assim marginalizado, cingindo-se a um espaço reservado e a um domínio, ao idealizar uma forma original que usa a tecnologia para atrair a atenção e ser bem sucedido. Isto é o “efeito Guggenheim”, que é extremamente problemático. Avaliando o futuro da profissão, o que é necessário hoje é uma nova figura que não se restrinja a nenhum destes limites. Que se expanda através de campos múltiplos, do urbanismo até à política, do projecto até à diplomacia. O arquitecto é um projectista que coordena uma vasta multiplicidade de disciplinas, de talentos e de competências. Pelo contrário, actualmente quase que a arquitectura e o urbanismo se tornaram uma limitação pela ideia que se criou do que o arquitecto deveria fazer exactamente. Por outro lado, podemos pensar em arquitectos que se tornaram recentemente relevantes, como por exemplo Bjarke Ingels, ignorando todas as expectativas e operando transversalmente com as mais inesperadas colaborações. ■



Foto: Rodrigo Peixoto

Concret Mushrooms, projecto de Elian Stefa, Utilitas Interrupta, EXD'11 no Museu da Mãe d'Água